

**“*Magis movent exempla quam verba*” – As pecadoras, os cavaleiros e uma retórica de condenação do feminino em *A Demanda do Santo Graal***

**“*Magis movent exempla quam verba*” – the sinners, the knights and the rhetoric of feminine condemnation in *The quest for the Holy Grail***

**Francisco de Souza Gonçalves<sup>2</sup>**

**RESUMO:** A articulação de gêneros sempre constituiu um fator cardeal para as relações sociais e ordenação de grupos em distintos períodos do itinerário humano, desde os primórdios até os tempos hodiernos. No período Medieval não é diferente, a maneira como o feminino passa a ser encarado, especialmente a partir do Centro-Medievo, reflete a demarcação de uma sociedade essencialmente masculina, patriarcal e androcática. Aqui, objetivamos demonstrar como os *exempla*, poderosas armas do discurso retórico clerical, tratam do feminino, especialmente do modelo da *peccatrix*, a mulher tentadora. Ao contrário do que se poderia imaginar, este recurso retórico é parte jacente não só do sermão da Idade Média, mas também figuram em “obras de ficção” como *A Demanda do Santo Graal*: discurso secular e clerical se misturam e a singular relação texto-contexto da literatura indica tal encontro. A influência do desenvolvimento de uma literatura hagiográfica no Centro-Medievo também exerce preponderante papel nesse contexto, podendo ser entrevista nos conceitos da ideologia clerical, refletidos n’ *A Demanda do Santo Graal*. Pretende-se, neste estudo, trilhar as vias de uma abordagem histórico-literária do ilustrativo episódio *Tentação de Galaaz*. Dois elementos do cosmo social medieval serão analisados: os cavaleiros e as mulheres, em sua complexa relação com o estamento clerical.

**Palavras-Chave:** Literatura Portuguesa, Personagens Femininas, A Demanda do Santo Graal.

**ABSTRACT:** The articulation of gender has always been cardinal for social relations and ordering of groups in different periods of the human journey, from the beginnings to modern times. In the Medieval period that is not different, the way the female is to be seen, especially from the Central Middle Ages, reflecting the demarcation of a masculine, patriarchal and androcratic society essentially. Here, we aimed to demonstrate how the *exempla* powerful weapons of the clerical deal with women, especially the model of *peccatrix*. Contrary to what one might imagine, this rhetorical device is part not only of the sermons in the Middle Ages, but also listed under "fiction" as *A Demanda do Santo Graal*: clerical and secular discourse and the unique blend text-context relationship literature indicates this meeting. The influence of the development of a hagiographic literature in the Central Middle Ages also plays leading role in this context, can be glimpsed in the concepts of ideology clerical reflected in *The Quest for the Holy Grail*. It is intended in this study track the process of a historical-literary illustrative episode of *Temptation of Galahad*. Two elements of medieval social cosmos will be analyzed: the knights and women, in his complex relationship with the church.

**Keywords:** Portuguese literature, female characters, The Quest for the Holy Grail.

<sup>1</sup> “Os exemplos movem mais que as palavras”, famosa máxima latina.

<sup>2</sup> Docente da SEEDUC-RJ/ Mestre em Letras, área de Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## PREÂMBULOS

O presente artigo pretende dar uma visão panorâmica sobre o papel dos *exempla* em *A Demanda do Santo Graal*, especificamente no que tange às mulheres e aos cavaleiros, em sua relação com a Igreja. Providos de tal fito, falaremos um pouco do discurso clerical, que deteve grande vulto no Medievo e sua interferência na literatura cavaleiresca portuguesa da Idade Média. Intentamos, ademais, demonstrar como ambos os discursos se entrelaçam, construindo uma obra ímpar, singular e representativa como *A Demanda do Santo Graal*.

Com uma retórica bem desenvolvida, a Igreja lançou mão do recurso da prédica para a persuasão de indivíduos pertencentes a camadas ainda não inteiramente atingidas por sua ideologia, constituindo-se o *exemplum* importante recurso para tal intento. Detentores do *verbum*, a prelazia tentará, através de poderosa voz, moldar o cosmo ao seu redor de acordo com a sua ideologia e interesses.

Tal recurso tornou-se arma poderosa no discurso de todo um estamento social: os clérigos, pertencentes ao corpo da Igreja; à classe dos *oratores*, que dentro de um “modelo ideológico elaborado por intelectuais, todos os membros da Igreja desse tempo, os especialistas em oração, [que] situavam-se obviamente no cume da hierarquia das ordens” (DUBY, 1993, p.181), ditavam as regras sociais da época. No ideal medieval, as outras duas camadas eram a dos *bellatores*, os que lutavam nas guerras, provindos da nobreza e da realeza e, os demais, pertencentes à camada dos *laboratores*, os que trabalhavam para sustentar os outros dois estamentos, era uma composta pelo campesinato e, posteriormente, com o decorrer da Idade Média, pelos pequenos e grandes artífices, comerciantes e “burgueses”, integrantes das *guildas*, *confrarias*. Nessa sociedade, tem-se de levar em conta o relacionamento que esta grande potência, a Igreja a partir do ano mil, travou com certos grupos sociais, aqui, mais especificamente, as mulheres e os cavaleiros. Um relacionamento repleto de ambigüidades e nuances nimbadas, controversas e complexas que podem ser vislumbradas na literatura de cavalaria da Portugal Medieval.

## OS EXEMPLA E O DISCURSO LITERÁRIO NO MEDIEVO: BREVE HISTÓRICO

Na Idade Média, principalmente no Centro Medievo, a Igreja terá o monopólio do discurso. A língua escrita será “detida” pelos representantes da classe erudita (FRANCO JR.,

2006), composta, fundamentalmente, pelo clero. Sermonários, hagiografias, livros de ensino, entre outros, serão seus estilos mais explorados.

Com a expansão dos anseios de evangelização, para as camadas ainda não completamente envolvidas nos processos religiosos institucionalizados, inicia-se um novo impulso para a penetração da Igreja nessas áreas culturais intermediárias, das quais fazem parte as novelas de cavalaria, inclusive. Destarte, com este novo impulso, pós-Reforma Gregoriana (VAUCHEZ, 1995), são incorporados, nesta modalidade do discurso escrito, elementos com finalidades moralístico-didatizantes, dentre eles os *exempla*: a fé precisava ser propugnada em outros campos da sociedade. Deste modo é que obras como *A Demanda do Santo Graal* serão profundamente influenciadas por esses ideais nunca vistos no lendário artúrico desde seu berço, nas distantes terras do Oeste Europeu. As áreas culturais acabam por entrecruzar-se. Franco Jr. denomina tal fenômeno de “reequilíbrio da Idade Média Central” (2006): “com as acentuadas transformações sociais, políticas, e econômicas ocorridas a partir do século XI, foi quebrada a clara predominância desfrutada pela cultura clerical na fase anterior. A cultura vulgar ressurgia com força” (FRANCO JR., 2006, p.121). Deste encontro, a cultura intermediária sofre a influência de ambas as áreas culturais: o “Renascimento do século XII (...) significou a recuperação e revalorização da cultura Greco-Latina [cultura erudita], mas também, ao mesmo tempo a reemergência de uma cultura folclórica” (FRANCO JR., 2006, p.121), ou seja, “não é globalmente expressão da cultura erudita, e sim da cultura intermediária” (FRANCO JR., 2006, p.121). É assim que neste tipo de literatura, provinda da classe intermediária, podemos notar elementos da ideologia clerical e de “reação” folclórica, concomitantemente.

Os *exempla* são recursos de prova e de amplificação da prédica, muito aplicados na época medieval (CURTIUS, 1979, p.479). Especialmente, no gênero demonstrativo ou epidítico, tal como assevera Aristóteles (s.d., p.39). Há uma inserção de exemplos para que se simplifique o entendimento daquela premissa que o pregador almeja que, em processo gradativo, todos os fiéis compreendam, aceitem como verdade (persuadam-se) e cumpram em sua vida prática. Assim que a literatura de Hagiografia, as histórias sobre as vidas dos santos, tornam-se uma constante nos sermões da Idade Média. Aristóteles também trata o exemplo como prova, além do entinema e o difere em duas variedades e mais duas subvariedades a parábola e a fábula.

Resta-nos agora falar das provas comuns a todos os gêneros, depois de havermos tratado peculiares a cada. Há duas espécies de provas comuns: o exemplo e o entinema, pois a máxima é uma parte do entinema. Tratemos primeiro do exemplo, visto o exemplo

assemelhar-se à indução e a indução ser um princípio de raciocínio. Há duas espécies de exemplos: a primeira, que consiste em referir fatos anteriores, a segunda, que consiste em invenções feitas pelo orador, nesta última, distinguimos entre a parábola e as fábulas (...) (ARISTÓTELES, s.d., p.143).

Aristóteles e Cícero foram os maiores inspiradores clássicos dos retores medievais, especialmente no período a que nos referimos. Por isso, o uso de palavras do Estagirita para explicar os *exempla*: “Da união dos preceitos retóricos aristotélico-ciceronianos com a tradição da prédica e exegese judaico-cristã, com o contributo da patrística, firma-se nos fins do século XII – inícios do XIII a nova arte da Oratória, materializada nos sermões” (MALEVAL, 2008, s.p.).

O recurso do “elogio ou censura” foi retomado no medievo, através de *Retórica ad Haerenium*, de autor anônimo, e do *De inventione* (91-87 a.C.), de Cícero, além d’ *A Doutrina Cristã* (426), de Santo Agostinho de Hipona (354-430), que “foi mestre de retórica e discípulo dos platônicos (...) pela sua conversão, chegara à convicção de que todo o trabalho da educação deve entrar a serviço da fé” (CURTIUS, 1979, p.76).

Quanto aos *exempla*, tão grande foi a sua voga que o fruto mais direto deste “sucesso”, foi a sua passagem de recurso de amplificação para um estilo independente. Daí torna-se sobeja a difusão da vida dos santos, desde os primórdios do Cristianismo (mártires) até a Idade Média. Bom modelo disso é a obra de São Gregório Magno (c. 540-604), *Diálogos* (593-594), que versa sobre inúmeras hagiografias, dentre elas a mais famosa é a de São Bento de Núrsia e a de sua irmã Santa Escolástica. Tais obras são permeadas pelo *miraculosus*, pelo “maravilhoso cristão”, dos milagres, intervenções mágicas do divino, feitos maravilhosos dos santos, locuções fantásticas com os santos ou a Virgem, embates físicos e até discussões verbais, trocas de improperios com o próprio demônio.

São esses *exempla* de feitos miraculosos que serão inseridos e assimilados às novelas de cavalaria desse período, promovendo um misto da tradição cavaleiresca com a voga da hagiografia, especialmente n’*A Demanda do Santo Graal*. Para uma maior apreensão do conceito, inserimos a definição dos *exempla* (ou *exemplum*) do *E-dicionário de termos literários* Carlos Ceia:

Termo retórico latino para uma narrativa curta de carácter moralista e que pode servir de paradigma em relação ao assunto de que trata. Prefere-se, em regra, o termo original em vez da tradução *exemplo*, por tratar-se de um género codificado na literatura medieval moralista, escrita e divulgada sobretudo em latim, embora a tradução portuguesa surja em Fernão Lopes e Gil Vicente com um sentido mais próximo do que hoje chamamos provérbio. Os oradores gregos antigos já faziam uso do exemplo para ilustrar os seus discursos e Aristóteles, nos *Primeiros Analíticos* (II, 24), teoriza sobre o seu significado

lógico. Os *exempla* constituem, na opinião de Ernst Robert Curtius, a continuação de uma filosofia da vida que já os poetas antigos praticavam, existindo provas disso desde o comentário de Aristóteles sobre os apotegmas e das regras de vida dos antigos (*Retórica*, II, 21), até às referências que Quintiliano faz das sentenças ou juízos que se compilavam para facilitar a consulta de oradores profissionais. Porém, nos estudos literários, o termo refere-se inicialmente às histórias integradas nos sermões medievais para ilustrar um ponto forte de um discurso, (...). Os manuais de ensino religioso continham inúmeros *exempla* (...). Estas fontes de apólogos de características didactico-morais serviam, muitas vezes, de inspiração aos oradores profissionais (...). (CEIA, 2009, s.p., *sic*)

Compreendendo o que são os *exempla* é possível falar um pouco mais sobre a obra, seu conteúdo e do aparecimento dos *exempla* na mesma.

## **LITERATURA E HISTÓRIA: A DEMANDA DO SANTO GRAAL, AS FILHAS DE EVA, OS PRÍNCIPES DA IGREJA E OS CAVALEIROS**

A *Demanda do Santo Graal* (DSG) é uma importante obra literária do cenário medieval e, profundamente representativa, para a Literatura de expressão portuguesa. Traduzida do original francês *La Queste Del Saint Graal*, que possui sua data de composição localizada no século XIII, entre 1230-1240, a tradução portuguesa tem sua versão documentada em pergaminho do século XV, inscreve-se no ciclo denominado Post-Vulgata, é o Manuscrito 2594 da Biblioteca Nacional de Viena.

Numa clivagem intradieética, tem-se uma narrativa que se enquadra, segundo os especialistas da Matéria Arturiana, especialmente Antônio Furtado (2003, p.29), que a situa na “Fase das Histórias Exemplares”. Depara-se com um contexto em que as personagens mais conhecidas do universo ficcional artúrico estão maduras e novos cavaleiros aparecem para acompanhar os mais conhecidos, seria um enredo numa fase de maturidade. Nesse contexto narrativo, as aventuras dos cavaleiros serão, quase sempre, alegorias, exemplos e os fatos narrados freqüentemente terão um fundo moral e didático bem definido, estas aventuras estarão repletas de “coisas que mostrarão aos homens bons o significado das outras coisas” (ARTHUR, 1996 *apud* FURTADO, 2003, p.29). As narrativas orbitarão em torno do tema do Graal e de sua busca pelos cavaleiros. Salienta-se que o cálice sagrado, o Santo Graal, será inicialmente abordado por Chrétien de Troyes no romance *Persival*.

Penetrando num campo extradiegético, é possível analisar o terreno em que a DSG foi composta. Há de se levar em conta fatores como a contribuição da clericalização aguda, vigente nos séculos XII-XIII-XIV (Idade Média Central), produto de um contexto de pós-

reforma gregoriana, com um lançar de raízes da “Institucionalização da Igreja”, conforme o supramencionado. É quando a chamada “Sociedade Repressora” (MOORE, 1989, s.p.), estabelece-se sócio-culturalmente de forma mais “aguerrida”. Fomentando, além da Inquisição (1184-1229), também as Cruzadas, que se tornam realidade de embate político e cultural desde 1095 (Concílio de Clermont).

Assim, infere-se que as narrativas da Post-Vulgata, desenhar-se-iam sob o signo desse processo de clericalização (FRANCO Jr., 2006, p.111). A DSG, mesmo com preponderantes heranças pagãs, a lenda arturiana sofre tal processo e ganha cunho altamente moralístico e didatizante, com o modelo de cavaleiro herói-santo e não mais o de destemido homem apaixonado, o que se reflete diretamente no papel desempenhado pela mulher na tecitura narrativa. Em suma, o feminino que já era visto com desconfiança por uma parte do estamento clerical da sociedade, passa a se acentuar. Daí, conclui-se que as classes em questão constituem um símbolo do embate que ocorria no Centro-Medievo, é um produto de embate entre substrato e remodelagem, o mesmo “embate” que Igreja e Sociedade enfrentam a partir do Medievo Central: “Nova Ordem x Velha Ordem”.

Tal redistribuição narrativa, que, diga-se de passagem, já era costumeira no que tangia à lenda artúrica (oral ou literalizada), ocorre. Reitera-se que, como consequência direta, o caráter diegético modifica-se, distando, significativamente, daquele buscado em outras “fases” (FURTADO, 2003). Aqui, teria ocorrido um “polifrontismo” da figura feminina, pois, apesar de tudo, “ecos” sem número, principalmente célticos, ainda reverberariam com força, mesmo que sob disfarce cristão, pois tais “ecos” altissonantes é que fariam a Matéria Bretã objeto de tamanha paixão por parte de seus leitores: a criação das personagens “a todo o momento cruza-se com a magia céltica, como se verifica em outros romances arturianos (...) a herança mágica entrecruza-se com o universo cristão” (MICHELLI in MALEVAL, 2001, p.98).

Contudo, quando se fala da DSG o que se patenteia é o forte matiz que o verniz cristão toma na obra. As proporções da clericalização são contundentes e irrefutáveis, principalmente no que tange ao feminino. Poder-se-ia dizer que, nas personagens femininas, um “polifrontismo” teria se acentuado, dada a articulação de gêneros vigente no medievo: personagens como Maria, Eva, Maria Madalena, deidades pagãs campestres, mulheres do Antigo Testamento, ícones de santidade do Cristianismo (masculinizadas e operadoras de “maravilhas”) e, até mesmo, Lilith (provinda do mais antigo lendário oriental) habitavam o imaginário medieval, especialmente o da cultura intermediária, mais próxima da “vulgar”, em

que se alocava a Matéria da Bretanha. A mulher aparece, simultaneamente, como *ianua diaboli* (Eva), *ianua coeli* (Maria); pecadora convertida, próxima dos homens, um meio-termo, entre dois extremos (Madalena); ou, ainda, carnalmente divinizada em sua feminilidade na retórica *do Fine Amours* – numa clara polidimensão da Mulher. Em *A Demanda do Santo Graal*, apesar da misoginia prevalente, têm-se, ao mesmo tempo: monjas, principalmente a justíssima abadessa, que criam o irrepreensível Galaaz (representações assexuadas, virginais e marianas); as donzelas que choram seus amados perdidos, que vão à Demanda, mulheres de carne e osso, humanizadas; e, por fim, o protótipo da bruxa moderna, a filha cruel e caprichosa de Hipômenes. Este polidimensionamento do feminino de algumas personagens femininas d’*A Demanda do Santo Graal* seria um produto de embate entre substratos, contexto sociocultural e remodelagem cristã, conforme já ficou suficientemente claro. Baseados em Duby, vale ressaltar que a ideia misógina do clero também não era tão homogênea quanto pode parecer, o autor afirma, peremptoriamente, em *Eva e os Padres*:

Falei por várias vezes da Igreja como se a instituição eclesiástica formasse um corpo homogêneo.(...) Essa maneira de escrever pode ter feito esquecer que nem todos os bispos, abades, mestres partilhavam a mesma visão de mundo e, especialmente, do pecado. Todos haviam escutado as mesmas lições, eram todos confrontados com os mesmos problemas, estavam preocupados em ordenar a sexualidade social. No entanto, os defensores da virgindade, os obcecados pela mácula sexual, seguiam ao lado de outros menos exaltados convencidos de que a natureza não é tão má e de que é bom dar lugar sensatamente ao sexo (DUBY, 2001, p.54).

Mesmo levando em conta que a DSG é matéria ficcional procedente de diversas fontes – literárias ou não – com contribuições oferecidas pela realidade histórica (já exposta), numa interrelação texto/contexto, que define qualquer obra literária (MONGELLI, 1992), no episódio que será abordado, prevalece o clericalismo misógino da sociedade repressora, de base, profundamente, teocêntrico-fundamentalista, que pinta o feminino como intrinsecamente aparentado do demoníaco.

O misoginismo dentro dos umbrais eclesiásticos há muito já vinha sendo gestado no seio da *Mater Ecclesiae*, e vai ao encontro dos anseios do “dominador”, do “repressor” – membro do clero ou não, quem legitima determinada ideologia é toda uma sociedade, não só um órgão dela – numa incansável tentativa de erradicar de vez o substrato pagão e estabelecer-se como única autoridade religiosa na Idade Média, posto que, numa lógica de pensamento, era a própria Igreja quem ganharia mais com isso: “segundo Bakhtin, esta visão de mundo, elaborada no correr dos séculos pela cultura popular, se contrapõe, sobretudo na

Idade Média, ao dogmatismo e severidade da cultura das classes dominantes” (GINZBURG, 1987, p. 17).

### **PERSONAGENS *EXEMPLA* NA BUSCA DO GRAAL: A *TENTAÇÃO DE GALAAZ***

Galaaz e Boorz cavalgam o dia todo a contar as maravilhas, quando encontram o castelo de Brut, que fora tomado pelos troianos quando foram derrotados “pelos gregos e por Helena” (DEMANDA, 2008, p.110-128). Esta ilustra um ponto de vista misógino: Uma mulher que arruína impérios, só por ser mulher: seria a natureza feminina.

Ocorre a descrição do castelo e da filha do rei Brutos, que tinha quinze anos e era a mais formosa do reino de Logres. Ela vê Galaaz e se apaixona imediatamente. A filha do rei decide seduzir e se entregar a Galaaz. Mas ao se dar conta de que isso traria transtornos morais, ela fica triste e se recolhe ao quarto. A ama pergunta por qual razão chora. A princesa não diz e a empregada a ameaça, dizendo contar a seu pai. A ama diz à princesa que, se for preciso, ela a encobrirá. A princesa conta à ama que se apaixonara por um dos cavaleiros e que se não o possuir, cometerá suicídio. A empregada espanta-se e pensa na fúria do rei se soubesse quem a ajudara. Por isso, aconselha a princesa a esquecer o cavaleiro. O que de nada adianta, pois, quando todos já estavam dormindo, a donzela, impulsionada pelo desejo (luxúria), dirige-se à câmara do cavaleiro, deita-se ao lado dele, passa a mão por seu corpo e vê que usa uma estamenha. Aqui a princesa se dá conta da santidade do cavaleiro escolhido e chora. Galaaz acorda e se espanta com a presença da princesa. Ele manda que ela se retire, por sua honra. O cavaleiro a aconselha novamente que se retire do quarto e que se mantenha virgem. Ao ver que Galaaz resistira a seus pedidos e que ele não se deixaria seduzir, a princesa diz que se suicidará. Quando ouve os conselhos do cavaleiro, a donzela toma a espada de Galaaz e ele, ao ver que ela queria se matar, tenta impedi-la, dizendo que faria sua vontade. Mas, ela se suicida. Boorz desperta e Galaaz conta que a donzela se matara. O outro cavaleiro diz que isso era obra do diabo, e Galaaz assevera que Deus faria justiça para que o rei não pensasse que eles a teriam matado. Brutos ouve o alvoroço e sai de sua câmara. Depara-se com a filha morta. Galaaz e Boorz se preparam para lutar, entretanto Boorz diz que não mataram a donzela. O rei não acredita e ambos lutam. O cavaleiro fica em vantagem, mas não mata o rei. O rei implora saber por qual razão a filha morrera e Boorz conta-lhe. O rei crê que os cavaleiros são homens justos e que ela se matara pelo pecado. Galaaz e Boorz saem do castelo de Brut com pesar da morte da filha do rei.



Neste episódio da DSG, entrecruzam-se dois *exempla* que se tornaram “lugar-comum” no medievo: o cavaleiro santo e a mulher corruptora, luxuriosa. Neste estudo, foi discutida a repressão feminina e a sua representação como Eva – a *ianua diaboli*. O trecho selecionado possui forte característica dessa ideologia clerical da qual sobejamente falou-se. A Princesa de Brut obedece aos mais rigorosos ditames do *topos* medieval da *peccatrix*, isto é, da mulher que tem por principal característica “perder” o gênero masculino (neste caso o cavaleiro-monge-santo) através da luxúria e de sua “sensualidade diabólica”.

Galaaz “outra-se” no Cristo, o sumo *exemplum* para os clérigos e um ideal icônico que deveria ser imposto à classe dos cavaleiros. Tal alusão se faz direta nos dois textos apresentados: a “Flor da Cavalaria” deveria ser como o “Lírio do Vale”<sup>3</sup>.

Quando este cavaleiro, ícone dos ideais da cavalaria-santa, apregoada no Centro-Medievo, depara-se com a “outra ponta da corda”, isto é, com o feminino, a articulação de gêneros na DSG se conturba. Nasce um *exemplum* de como deveria ser o cavaleiro “temente a Deus”; de como deveria ele se comportar diante do assédio feminino e das tentações de Satanás, que no fim, conforme se constata pelo já lido no presente estudo, tornam-se uma espécie de “simbiose”: a mulher-demônio.

Assim, vê-se, claramente, como um fator está, intrinsecamente, ligado a outro: o apreço pela castidade masculina, a virgindade do cavaleiro, implicaria aversão ao feminino, de forma similar era com os clérigos: para obedecerem ao voto de castidade, mais amplamente exigido a partir da Reforma Gregoriana como preponderante elemento distintivo da classe clerical. Galaaz repele a Filha de Brut, que perpetra um ato, tido por crime moral imperdoável: o suicídio, despindo-se até mesmo de sua condição de cristã.

Tais *exempla* são uma corroboração do discurso que é realizado desde o início da demanda, da busca do “Santo Cálix”: reflete-se de forma patente o misoginismo (não poder levar mulher à demanda) e estigma do cavaleiro-santo numa clara relação de antonímia entre Galaaz e Galvão (Galvan, Gawain), este último tido como o exato modelo do cavaleiro desvirtuado, sem as honras devidas ao código cavaleiresco desenvolvido pelos ideais clericais.

Equipara-se com as hagiografias que mostravam o modelo da *peccatrix* em vários escritos, um ícone da mulher tentadora, da “filha de Eva”, que tem por único fito destituir o homem santo de sua qualidade de “separado de Deus”.

---

<sup>3</sup> Um dos epítetos de Jesus Cristo, amplamente difundido na espiritualidade de caráter místico.

Em *crescendum*, os textos da pena clerical vão delinear um perfil ainda pior do feminino. De ícone da luxúria e vítima mais suscetível às armadilhas do demônio, a mulher passa a figurar como própria representante do Inimigo entre os homens. Dentro da própria DSG é possível constatar esta amplificação da “malignidade feminina”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa análise acurada é possível inferir, levando em conta tudo o que foi lido e pesquisado, que, o lugar de paradoxo que é a Idade Média (LE GOFF, 2007), perpassa também as relações da cavalaria e das mulheres, sendo as historietas e os *exempla*, presentes em *A Demanda do Santo Graal*, um elemento corroborador de tal assertiva.

Assim, termina-se esta breve pesquisa corroborando com a ideia de Maria do Amparo Tavares Maleval sobre a questão das bruxas: “Esse perfil estigmatizado de mulher foi uma construção de séculos, delineando-se em vários textos” (MALEVAL, 2004, p.47) E ainda completando tal assertiva, poder-se-ia tomar os textos literários ficcionais produzidos no medievo, como “delineadores de uma mentalidade”: não só a retórica da prédica serviria a esse propósito de conversão, mas os *exempla* difundidos pelas hagiografias e obras literárias diversas, além do sermonário. Salienta-se que *A Demanda do Santo Graal* também aparece como produto, “texto formatado”, “delineados pela ideologia clerical”, que, como tantas outras ‘mentalidades’, pode ser identificada nesta singular obra de arte sincrética, produzida na Idade Média.

Observa-se, além disso, que a obra se torna um canal de difusão da ideologia clerical, bem como um modo de persuasão de estamentos sociais até então não atingidos pela Igreja. Os *exempla*, entram como função retórica poderosa para o convencimento de uma massa que a Igreja visava a atingir a partir do Centro-Medievo, desde as classes urbanas (haja vista as ordens mendicantes e de pregadores) até uma nobreza feudal que precisava ser enquadrada nos padrões de autoridade da Igreja Católica.

Tendo em vista tudo o que foi pesquisado, conclui-se, em suma, que a Igreja desejava, acima de tudo, moralizar a cavalaria e as mulheres, pondo sob julgo ambos os grupos, em propósitos de evangelização muito claros, a fim de elidir os resquícios de paganismo e eliminar qualquer “poder paralelo” que pudesse ameaçar a Igreja e os seus partidários, até mesmo a Realeza, antes taumaturga.

E o que fica patente é que *A Demanda do Santo Graal*, assim como outras obras literárias produzidas no medievo são ricos mananciais para o estudo das humanidades. Demonstrando que o período medieval é riquíssimo e determinante, no que tange à formação do homem contemporâneo. Tal estudo do medievo não se restringe só ao campo histórico, mas literário, filosófico, sociológico e, até mesmo, linguístico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulinas, 1991.

ALEXANDRE JR., Manuel. *Prefácio e Introdução in ARISTÓTELES. Obras Completas – Retórica*. Lisboa: INCM, 2006.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2001.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1996.

BLOCH, Howard. *Misoginia Medieval a Invenção do Amor Atual*. São Paulo: 34, 1995.

CEIA, Carlos. *E - Dicionário de Termos Literários*. Verbete *Exemplum* in <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/exemplum.htm>>. ACESSO: 02/06/2009 21h28min

CÍCERO. *De la Invención Retórica*. México: Universidad Autónoma del México, 1997.

CURTIUS, Ernest R. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Brasília: INL, 1979.

DEMANDA DO SANTO GRAAL, A. Tradução de Heitor Megale. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (orgs.). *História da vida privada: da Europa Feudal à Renascença*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Guerreiros e Camponeses*. Lisboa: Estampa, 1993.

\_\_\_\_\_. *Eva e os Padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FLORI, Jean. *A Cavalaria*. São Paulo : Madras, 2005.

FOUCHER, Jean-Pierre. *Prefácios in TROYES, Chrétien. Romances da Távola Redonda.* (Trad.) Rosemary Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRANCO Jr., Hilário. *Idade Média no Ocidente.* São Paulo: Brasiliense, 2006.

FURTADO, Antônio L (trad.). *Aventuras da Távola Redonda: Estórias Medievais do Rei Artur e seus Cavaleiros.* Petrópolis: Vozes, 2003.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Francisco. *A Influência da cultura celta na postura das Personagens Femininas de Novelas de Cavalaria: Em busca da essência céltica na construção de Guinevere, Viviane, Morgana e outras figuras femininas da literatura Arturiana.* Monografia de Conclusão (Graduação em Letras Português e Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Católica de Petrópolis, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Clericalismo Medieval na Literatura: a cópula do feminino e o diabólico, um vislumbre da Imagem Precursora da Bruxa em A Demanda do Santo Graal In:* <<http://www.veredasdahistoria.com>>. Publicação Prevista: Agosto de 2009.

\_\_\_\_\_. *A Mulher na Literatura Arturiana, entre a Vilania e a Divindade: em busca da essência céltica na construção da persona de Morgana Le Fay.* Revista Eletrônica Vernaculum - Flor do Lácio <<http://webserver2.ucp.br/html/joomlaBR/images/vernaculum/a-mulher-na-religiosidade-arturiana.pdf>> Acesso em: julho de 2009.

\_\_\_\_\_. *O bifrontismo do feminino em A Demanda do Santo Graal: Redescobindo o substrato céltico das personagens femininas na busca do Santo Cálix.* Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras/Curso de Literatura Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

HARVEY, Vera. *O Cavaleiro da Carreta e seu Universo in Lancelote, O Cavaleiro da Carreta.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

HOOG, Armand. *Prefácio in TROYES, Chrétien. Perceval ou O Romance do Graal.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LACEY, Robert; DANZIGER, Danny. *O Ano 1000: A vida no final do primeiro Milênio.* Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval.* 4. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1956.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos da Retórica Literária.* Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2004.

LEGOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa.* Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Deus da Idade Média.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. *Uma Longa Idade Média.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_ (et al.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006.

\_\_\_\_\_. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAGNO, Gregório. *Diálogos (II Livro) - São Bento: Vida e Milagres*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2005.

MALEVAL, Maria do Amparo. *Rastros de Eva no Imaginário Ibérico*. Galiza: Laiovento, 1995.

\_\_\_\_\_. *Da Retórica Medieval in* <[http://www.fclar.unesp.br/poslinpor/gtmedieval/publicacoes/serie01\\_metodologias/metodologias\\_maria\\_do\\_amparo\\_maleval.pdf](http://www.fclar.unesp.br/poslinpor/gtmedieval/publicacoes/serie01_metodologias/metodologias_maria_do_amparo_maleval.pdf)>. Série estudos medievais 1 : Metodologias [recurso eletrônico] / Gladis Massini-Cagliari [et al.], organizadores. Rio de Janeiro: ANPOLL, 2008.

\_\_\_\_\_. *Representações diabolizadas da Mulher em Textos Medievais in* DAVID, Sérgio Nazar (org.). *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

MALEVAL, Maria do Amparo (org.). *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.

MEGALE, Heitor (Trad.). *A Demanda do Santo Graal*: manuscrito do século XIII. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor LTDA., 1992.

MICHELLI, Regina. *O perfil masculino em Demanda: o poder do Rei, o dever do cavaleiro, o saber do eremita in* MALEVAL, Maria do Amparo (org.). *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 11. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.

MONGELLI, Lênia Márcia. *A Novela de Cavalaria: A Demanda do Santo Graal in* MOISES, Massaud (dir.). *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.). *Trivium e Quadrivium: As artes liberais na Idade Média*. Íbis: Cotia, 1999.

MOORE, Robert. *La Formación de Una Sociedad Represor: Poder y Disidencia en La Europa Occidental*. Barcelona : Crítica, 1989.

MURARO, Rose Marie. *Textos da Fogueira*. Brasília: Letra Viva, 2000.

MURPHY, James. *La Retórica en la Edad Média*. México: Fondo de Cultura Economica, 1986.

NUNES, Irene Freire (ed.). *A Demanda do Santo Graal*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.

SANTOS, Luiz Felipe. *A Mulher como representação do Bem e do Mal n' A Demanda do Santo Graal e n'A Divina Comédia*. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

SARAIWA, António José e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 6. ed. Porto: Porto Editora LTDA, s.d.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: a Lua Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Psicologia, 1985.

SILVA, Andréia C. L. Frazão. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003) In: <<http://www.pem.ifcs.ufrj.br/GeneroBrasil.pdf>>. Acesso em 22 dez. 2008.

SPINA, Segismundo. *Iniciação na Cultura Literária Medieval*. Rio de Janeiro: Grifo, 1973.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Lisboa: Estampa, 1995.

**Recebido em 15 de novembro de 2011.**

**Aceito em 06 de dezembro de 2011.**